

A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA SOB A PERSPECTIVA DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL E DA LITERATURA

Nubea Rodrigues Xavier (PG-UFGD)

Resumo

O trabalho refere-se às reflexões e pesquisa obtidas durante o Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFGD, sob a orientação da prof^a Dra. Magda. C. Sarat Oliveira, em que tal estudo, trata-se de um projeto maior de dissertação de mestrado intitulado como Memórias de infância: a representação da criança sob uma perspectiva literária. Buscou-se construir um conceito de infância, a partir das obras literárias *Infância* de Graciliano Ramos e *Meninos de Engenho* de José Lins do Rego, com propósito de obter imaginário social e cultural, tendo como objetivo a apreensão do processo de individualização da criança e da sua categorização social. Por meio da Nova História Cultural analisou-se, não somente, as questões econômicas ou políticas, mas também, as emoções, as percepções, os interesses e a própria cultura, obtendo a heterogeneidade e as formas simbólicas sobre a infância. A relevância desse estudo se faz pela análise das obras literárias, em conformidade, com as identidades culturais da criança, elaboradas a partir das memórias de José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Obtendo como resultados, a representação da criança sob as perspectivas da Histórica, Literatura e a Nova História Cultural.

Palavras-chave: *Representação; Infância; Imaginário cultural; Memórias.*

Abstract

The essay's reflections about searches Education Master degree's University Mato Grosso do Sul - UFGD, on the teacher assistance Magda. C. Sarat Oliveira, on the research called Memories' infancy: the representation's child under a literary perspective. This is a concept of infancy from the literary compositions Graciliano Ramos called Infancy and Jose Lins Rego with Boy's engine, getting imaginary social and culture's apprehension process the child and your social states. The New Cultural History was analyzed, involving the economic and politics questions bringing in the emotions, the interests and the own culture, getting in the way, the infancy symbolism and meaning. The importance this study is about analysis the literary compositions, with the child cultural identities, elaborated by the author Rego and Ramos. The resulted shows the child representation about Historical, Literature and New Cultural History's perspectives.

Keywords: *Representation; childhood; Cultural imaginary; Memories.*

1. INTRODUÇÃO

A representação social da criança na história exige abarcar a compreensão do que seja sujeito histórico. Para tal, torna-se necessário apreender as crianças em seu sentido como concretas, na sua materialidade, no seu nascer, no seu viver ou morrer, expressando a

inevitabilidade da história e, nela se fazer presentes, nos seus mais diferentes momentos. (KUHLMANN JR, 1998, p. 33).

Ao verificarmos a histórica da criança, detectamos que a mesma é elaborada mediante a um olhar de adulto, já que a criança não pode relatar sua própria história. Del Priori, bem enfatiza: “a história da criança, simplesmente criança, suas formas de existência cotidiana, as mutações de seus vínculos sociais e afetivos, sua aprendizagem da vida através de uma história que, no mais das vezes, não nos é contada diretamente por ela.” (DEL PRIORI, 2007, p. 37)

Mediante a essa realidade, utilizaremos as obras literárias de Infância e Menino de Engenho, que apresentam uma mudança aparente na narrativa, já que o relato perpassa, através da narrativa do autor, sob a visão de uma criança. Buscaremos compreender a função que esta criança representa na sociedade, e, por conseguinte, fazer essa relação com os nossos dias atuais. Para tal, trabalharemos com o imaginário, com as representações produzidas a partir da literatura, já que “as imagens e discursos sobre o real não são exatamente o real, não sendo expressões literais da realidade como um fiel espelho” (PESAVENTO, 1995, p. 45). Não se tem a intenção de fazer da literatura fonte para um estudo em história de educação, mas sim, pesquisar a relação existente entre as representações da infância na literatura brasileira e a história, correlacionando a literatura com outros saberes.

2. A REPRESENTAÇÃO E O IMAGINÁRIO CULTURAL

Roger Chartier enfatiza que a representação é um dos conceitos mais significantes, para a compreensão da sociedade e da sua relação com o mundo social, em que a realidade é constituída por diferentes grupos, de forma que não se deva deixar de validar as lutas de representações entre grupos, bem como, a sua concepção do mundo social e os seus valores (CHARTIER, 1990, p, 123). De forma que, José Lins do Rego e Graciliano Ramos demonstrem muito bem, as relações sociais ocorridas em seu tempo. Segundo Tozoni-Reis:

A literatura, apesar de ser parte do processo histórico da sociedade brasileira, tem autonomia tal que suas obras tratam os temas principalmente na perspectiva estética, embora incorporem elementos da formação social do povo. É por essa razão que as obras da literatura brasileira tomadas como fonte de investigação devem ser compreendidas neste estudo como expressão da realidade histórica e social, embora a expressão dessa realidade seja articulada a elementos estéticos. (TOZONI-REIS, 2005, p. 09)

De acordo com Pesavento, ao interpretar o imaginário através da sociedade, tem-se um novo olhar e uma nova abordagem da realidade que extermina com as verdades absolutas e constroem uma história social e, paulatinamente, mais cultural (PESAVENTO, 1995, p, 28).

Sendo que, na literatura, temos decorrências tanto na estética dos romances como no desempenho social que as obras perfazem em relação à sociedade. Em que podemos observar:

As representações mentais envolvem atos de apreciação, conhecimento e reconhecimento e constituem um campo onde os agentes sociais investem seus interesses e a sua bagagem cultural. No domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas tem outro sentido além daquele manifesto. (BOURDIEU apud PESAVENTO, 2005, p. 15)

Já Goldmann, declara que a maior dificuldade acerca da obra literária é explicitar o que o autor deixa na subjetividade em que “os valores autênticos, tema permanente de discussão, não se apresentam na obra sob a forma de personagens conscientes ou de realidades concretas” (GOLDMANN, 1976, p. 14). Dessa maneira, Pesavento sugere o trabalho com a linguagem, pois o imaginário é sempre representação e não existe sem interpretação “o imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente” (PESAVENTO, 1995, p.15). Sendo assim, as narrativas não são pretexto para este trabalho, mas sim, as representações das crianças existentes nas obras, fazendo uma relação das suas vozes com relação da história no Brasil. De acordo com Gouvea:

Trabalhar com textos literários significa ter sempre em mente a originalidade desta produção discursiva. A análise do texto literário na investigação histórica remete-nos inicialmente a interrogarmo-nos sobre as estratégias e limites dessa interpretação. A matéria prima do texto literário são os signos, e é na fluidez e no deslizamento característico da produção semiótica que essa escrita se localiza e se locomove. Na produção literária, os signos constituem-se como representações. A literatura, entendida como prática simbólica, configura-se como a formulação de uma outra realidade que, embora tenha como referente constante o real no qual o autor e leitor se inserem, guarda com a realidade a relação não de transparência, mas de opacidade própria da reconstrução. O conceito de representação significa considerar que o autor não reproduz o real, mas o reconstrói, tendo como matéria-prima os signos. No momento de produção do texto, traz para a escrita a sua compreensão do real, bem como o projeto de realidade pretendida. Ele representa, portanto, a realidade, tendo a linguagem literária como signo. (GOUVEA, 2002, p. 23)

As obras, *Infância* e *Menino de Engenho* contextualizam, de forma eficiente, um determinado período histórico. Apesar das obras literárias configurarem, sobretudo, uma história de uma classe social abastada, compreende-se que, na tessitura do texto, em que há o diálogo do narrador com o leitor, é possível perceber através das lembranças apresentadas por Graciliano Ramos e José Lins do Rego, a evidência de um questionamento, tanto consciente como inconsciente, das situações culturais e sociais ocorridas no decorrer da história. Tal artifício permite comprovar, simultaneamente, o cotidiano da criança nordestina e as suas representações.

3. A INFÂNCIA SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE GRACILIANO RAMOS E JOSÉ LINS DO REGO

A obra literária *Menino de engenho* é uma autobiografia sobre a sua infância, escrita em 1932, por José Lins ou o Zé Lins, em que seu personagem, um menino narra sua história dos quatro aos doze anos de idade, no engenho de cana de açúcar, em Pernambuco. A narrativa, não é uma obra destinada às crianças, mas trazem em seu bojo as perspectivas, angústias, melancolia e tristezas da infância dos fins do século XIX e início do século XX.

Podemos dizer que o engenho é uma metonímia do mundo do personagem Carlos, em que sua infância dos oito aos doze anos é descrito a partir do momento em que se propõe a narrar suas lembranças. Todos os elementos do contexto infantil do personagem como brinquedo, infância, inocência, é reduzido a uma estrutura maior, através dos termos casa de correção, abandono, seus desejos, suplantados no mundo infantil lúdico e fantasioso para suportar a responsabilidade e o peso do mundo a sua volta. Tal redução de mundo, às concepções da infância, potencializa a representação literária das memórias, conduzindo o leitor ao contraste entre o mundo e o engenho.

Tempo e espaço estão emaranhados e, é por sua vez, uma construção da mente humana, em que percebemos que há uma iniciação do personagem Carlos ao entrar no mundo do engenho, em que seu tio Juca o leva, de madrugada, para banhar-se no rio, deixando claro que, a partir daquele momento, ele começa a fazer parte do engenho e, também, na sua iniciação sexual em que passa a ser tratado pelo nome, pelos adultos, quando adquire uma doença sexual.

O romance demonstra o declínio dos senhores de engenho em meio às mazelas do mundo dos adultos e, que perpassa a representação da criança, num contexto de regime escravo, de conflitos étnicos, em que a relação familiar não estava contida, somente, em relações de afetividade e de autoridade, mas também nas relações de poderio econômico que permeavam as relações sociais, assim como percebemos quando o personagem Carlinhos vai frequentar a escola, há uma visualização da escola como um castigo ou correção, o menino sem regras, vadio, atrasado, o menino do engenho é preparado para uma nova fase de sua vida: “o colégio amansa menino!” A escola é posta como algo que irá endireitá-lo, para o mundo.

Depois mandaram-me para a aula dum outro professor, com outros meninos, todos de gente pobre. Havia para mim um regime de exceção. Não brigavam comigo. Existia um copo separado para eu beber água, e um tamborete de palhinha para o “neto do Coronel Zé Paulino”. Os outros meninos sentavam-se em caixões de gás. Lia-se a lição em voz alta. A tabuada era cantada em coro, com os pés balançando, num ritmo que ainda hoje tenho nos ouvidos. Nas sabatinas nunca levei bolo, mas quando acertava, mandavam que desse nos meus competidores. (REGO, 1972, p. 33)

O narrador de *Menino de Engenho* evidencia certo medo que perpassa toda a obra; demonstrado pela sua constante resistência às mudanças, é como se fosse um medo à absorção pelo nada, ou ainda, pelas muitas perdas que obtivera em sua infância como a própria morte da sua mãe, pelo casamento da tia Maria e da tia Naninha, pela ausência do pai e da prima Lili. Ademais a morte o cercava, limitando o seu ir e vir, os seus prazeres e as suas aventuras. Os acessos de asma lhe restringiam e distanciavam ainda mais, de brincar com os meninos da bagaceira e de sair de casa. Percebemos suas inquietações, suas angústias e os conflitos intensificando-se ainda mais, surgindo além do medo da morte, um constante questionamento interior. Há dessa forma, não apenas o questionamento do narrador, mas do próprio autor, a solidão é algo almejada por ele, para se dedicar aos seus questionamentos interiores, ao que percebemos quando o menino Carlos está caçando passarinhos: “muitos chegavam, examinavam tudo, punham o bico quase que dentro do alçapão, e iam embora, bem senhores do que se preparava para eles. Enquanto os canarinhos vinham e voltavam, eu me metia comigo mesmo, nos meus íntimos solilóquios de caçador. Pensava em tanta coisa... (REGO, 1972, p. 94). Assim, ele percebe seus limites, e oscila entre suas possibilidades de ser criança ou de obter a felicidade. A escrita de José Lins, coloca o personagem Carlos criança, entre o silêncio e a palavra, ou ainda entre o “ser e o não ser”.

O relacionar-se com os outros que é tão importante na infância era posta como uma experiência de si mesmo. A relação com o outro aparece como uma duplicação da sua própria relação consigo mesmo, como a aparição dos seus primos como donos de si mesmos; os meninos na bagaceira e no quarto dos carros, tocando os órgãos sexuais de si e dos outros; o flerte com a prima do Recife.

Compreende-se assim, que a forma como narra Carlos é uma transição entre o popular e o imaginário, quando a velha Totonha narra suas histórias, temos uma relação do documental e do real, sendo que, a própria literatura na década de 1930, que oscila entre a ficção e o social. De forma que José Lins atua como um representante da narrativa da velha Totonha, tomando conta da forma de contar das camadas menos abastadas, como se estivesse contando uma história para um grupo de pessoas.

A obra *Infância* de Graciliano Ramos, escrita em 1945, em que descreve um contexto histórico e social da passagem do século XIX ao XX, no interior de Alagoas e de Pernambuco. Em que narra o seu período de mudanças da sua família, que fugindo da seca, demonstra a passagem de uma economia agrária, fundamentada no cultivo da cana de açúcar, na ascensão do café, na pequena indústria e no comércio. As memórias de *Infância* são uma

retomada do autor ao passado com elementos subjetivos do presente. O autor reconstrói desejos, valores e medos de sua infância, com as memórias que vão tomando forma e caráter literário. Suas memórias condizem as pessoas e/ou fatos que fizeram parte da infância do menino Graciliano aproximadamente dos 2 aos 12 anos. De acordo com Lemos:

Nas narrativas memorialísticas do livro, o adulto apresenta a perspectiva da criança ao ver o mundo, situa o papel que ela ocupa no espaço com sua pequena estatura e, por conseguinte, a dimensão que ela percebe das salas, do pátio e da barba de um velho professor que dominava uma negra mesa, cheia de meninos que aprendia o alfabeto. (LEMOS, 2002, p. 50)

Os relatos de suas memórias personificam a experiência infantil, desmistificando a imagem de inocência e de infância feliz. Demonstrando a sua experiência de criança, á partir da indiferença, dureza e injustiça que delineiam sua primeira infância, sob as atitudes dos adultos:

As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, figurei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém me dera a entender que se tratava de julgamento. Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural. (RAMOS, 1994, p.31)

Temos, também, na obra de Graciliano uma pedagogia fundamentada em castigos e numa escola distante das necessidades das crianças:

Uma interjeição me puxava à realidade, esfriava-me o sangue; a falta se revelava, erguia-me o rosto alarmado. Nenhum castigo. O professor andava no mundo da lua, as pálpebras meio cerradas, mexendo-se devagar na cadeira, como sonâmbulo. Não se espantara, não se indignara: a exclamação traduzia algum sentimento nebuloso, estranho à leitura. Findo o susto, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha. Às vezes, porém o espelho nos anuncia borasca. O desgraçado não se achava liso e alvamento, azedava-se, repentina aspereza substituiu a doçura comum. Arriava na cadeira, agitava-se, parecia mordido de pulgas. Tudo lhe cheirava mal. Segurava a palmatória como se quisesse derrubar com ela o mundo. E nós, meia dúzia de alunos, tremíamos de cólera maciça, tentávamos nos esconder uns por detrás dos outros. (REGO, 1972, p. 191)

O medo, na obra *Infância* é descrita pelo relacionamento com os pais, os caracterizando como:

Meu pai e minha mãe conservavam-se grandes, temerosos, incógnitos. Revejo pedaços deles, rugas, olhos raivosos, bocas irritadas e sem lábios, mãos grossas e calosas, finas e leves, transparentes. Ouço pancadas, tiros, pragas, tilintar de esporas (...) Medo. Foi o medo que me orientou nos primeiros anos, pavor. (RAMOS, 1994, p. 13)

Nas duas obras, há concepções diferentes para o brincar e para os brinquedos, na obra de *Infância de Graciliano Ramos*, o ambiente de suas brincadeiras ficavam entre o paiol, o muro de tijolos de copiar e as sombras da fazenda. Percebese- que o brincar, perpassava nas coisas mais simples de ser criança como o brincar com os seixos e ossos, de cabra-cega, ou

simplesmente, sentar à janela da casa e observar a mata balançando as pernas. Sabia que não podia ter brinquedos industrializados como os ricos, mas contentava-se em engenhar bonecos de barro. O que tinha a sua volta era o mundo adulto “feito caixa de brinquedo, os homens reduzidos ao tamanho de um polegar de crianças” (RAMOS, 1994, p. 108). Já, no *Menino de Engenho*, a preferência ficava no banho nos açudes, no brincar ao sol, e as caças a arribaçã, a rola sertaneja, por ser neto do senhor do engenho tinha muitos brinquedos de artesanato como o pião, contudo, seus brinquedos eram mais importantes do que aqueles confeccionados, pois com estes sabia que não se quebrariam. Por outro lado, passava maior parte do seu tempo a observar os adultos trabalhando, ou mesmo brincando com coisas que não importavam mais aos adultos: “umas carabinas que guardava atrás do guarda-roupa, a gente brincava com elas de tão imprestáveis” (Rego, 1972, p. 49).

Enquanto que na obra de José Lins, a descoberta da vida pelos prazeres da infância não tinha limites, nem sequer entre mundo animal e humano, entre raças e idades ou classe social, pois sua experiência da infância estava no conviver dos meninos, e moleques da casa grande, ou ainda, a observar a vida sexual dos animais da fazenda. Em Graciliano, temos a rigidez espaço da infância é o avesso do aconchego demonstrado por Bachelard, do bem-estar da intimidade, a casa dessa infância é comparada a um cárcere, associada a aridez, cemitério, em que o quintal pudesse ser seu refúgio. A obra é repleta de um lirismo represado, escondido demonstrados numa linguagem lacônica, lacunosa, cheia de elipses. Até mesmo a figura da maternidade que é o da mãe acolhedora e envolvente, para ele, perpassa como uma mãe agressiva e ressacada, assim como a sua realidade construída durante a sua obra. Tal postura é repassada na vida do personagem de Graciliano, numa realidade hostil em que, a partir da relação conflituosa com a mãe, em sua infância, acaba por se repetir, com a escola e com a sociedade.

Entretanto, em ambas as obras observamos uma infância representada pela solidão e pelas angústias, “pois, mesmo diante de uma heterogeneidade de protagonistas adultos e crianças” (LEMOS, 2002, p. 69), os narradores expõem seus mundos a partir de sua individualidade e isolamento.

A partir das obras literárias, por meio de sua originalidade e de seu estatuto simbólico, temos uma compreensão da infância, num determinado contexto histórico e cultural, em que Chartier as define como ilustração de resultados que partilham as fontes técnicas da histórica com um enfoque voltado a uma análise mais rica e completa. Assim, “a infância analisada é um processo de construção subjetiva e de reconstrução cultural através da

atuação de uma criança nordestina”. (Idem, p. 72). De forma que Gouvea enfatiza, “analisar a diversidade das experiências infantis indica a necessidade da ampliação de fontes, de maneira a conferir visibilidade a variedade de espaços sociais de inserção e conformação da experiência histórica de ser criança” (GOUVEA, 2002, p. 19).

Dessa forma, observamos que a concepção de infância, decorre por diferentes significados em determinados momento histórico, voltado a um dado grupo social em que tanto o contexto cultural, econômico, religioso e intelectual é extremamente relevante. Sendo que a criança, por estar inserida e participar ativamente da cultura, não pode viver uma infância idealizada e não elimina a especificidade da infância, como categoria social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, dessa maneira, que o autor de *Menino de Engenho*, o narrador é consciente do seu distanciamento das condições sociais históricas, tateando entre a narração das mesmas para fixá-las e se depois de desfazer, como se fosse algo perdido para sempre, tem um tom de autoquestionamento. Ao fazer a obra, o Carlos adulto, o faz de mãos dadas com a criança do engenho. A representação não ocorre de maneira fácil e pacífica, pois compartilha o poder de representação. O autor não compartilha da mesma visão de mundo do menino Carlos, mas há mesmo assim, uma aproximação, pois o adulto acaba por aceitar, por meio das memórias, a voz do menino. Na obra *Infância*, temos um sentimento frequente de humilhação de menino que é, sucessivamente, machucado pelos pais. Há uma negociação entre o próprio escritor e o menino, de forma que o menino possa simular o seu mundo, é como se tivesse uma aproximação e, ao mesmo tempo um distanciamento, de modo a existir uma representação.

Ao arraigarmos os conhecimentos sobre as crianças e suas infâncias, possibilitamos maior visibilidade às suas representações, contribuindo assim, para uma reconfiguração do conceito de infância e de sua distinção no lugar que as crianças ocupam na sociedade atual.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos Editora. 1981
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP, 1998

- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- CARVALHO, Eronilda Maria Góis. *Educação infantil: percurso, dilemas e perspectivas*. Ilhéus, BA:Editus, 2003.
- CHARTIER, Roger (Org.). *História da vida privada, 3 – da Renascenças ao Século das Luzes*. São Paulo, Companhia das letras, 1991.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- COUTINHO, Afrânio (Org.). *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global, v. 5 (Era Modernista), 2004, v.6 (Relações e perspectivas, conclusão), 2004.
- ELIAS. Norbert. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- _____. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v.1
- _____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- _____. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- GOLDMANN, Lucien. *A sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976
- GOMES, Ângela de Castro. O primeiro governo Vargas: projeto político e educacional. In: MAGALDI, Ana Maria; ALVES, Claudia; GONDRA, José G. (Orgs.). *Educação no Brasil: história, cultura e política*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- KUHLMANN, Jr. M. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.
- PESAVENTO, Sandra Jatehy. *Relação Entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas No Brasil (Séculos Xix e Xx)*. ANOS 90, PORTO ALEGRE, n. 4, p. 115-127, 1995.
- PESAVENTO, Sandra Jatehy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. Representações. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Contexto, v. 5 n. 29, 1995
- PRIORE, Mary Del. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. *História da educação no Brasil (1930/1973)*. Petrópolis: Vozes, 1991
- SANTOS, Robson dos. Sociedade e literatura no romance “Angústia” de Graciliano Ramos. *Revista de Iniciação Científica da FFC*. v. 4, n. 3, 2004.

SARAT, Magda. *Reflexões sobre infância*: Elias, Mozart e memórias de velhos. Comunicação oral apresentada e publicada nos anais do ix simpósio internacional processo civilizador: tecnologia e civilização. Paraná. BRASIL, 24 a 26 de Novembro 2005.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. *Infância, escola e pobreza*: ficção e realidade. São Paulo: 2002